

MENOS DA METADE DOS BRASILEIROS TÊM DINHEIRO APLICADO EM PRODUTOS FINANCEIROS

Entre os investidores, 89% aplicam na caderneta de poupança

Os brasileiros poupam pouco. Em 2017, apenas 9% aplicaram em produtos financeiros e menos da metade da população (42%) tinha algum dinheiro guardado ao final do ano passado. Esse é um dos resultados da nossa pesquisa que traçou o raio X do investidor brasileiro, bem como as intenções da população em investir daqui para frente. Com ela, buscamos entender as razões para a baixa poupança do brasileiro.



Para termos uma atuação cada vez mais efetiva em educação financeira, precisamos conhecer a fundo o comportamento da população e as motivações dos investidores na hora de aplicar o dinheiro



Ana Leoni,
superintendente de Educação e Informações Técnicas

Um dos principais motivos para as pessoas não investirem é a falta de dinheiro. **Apenas 32% da população conseguiu economizar no ano passado e, deste universo, menos da metade (42%) aplicou em produtos financeiros.** O restante utilizou os recursos de forma bastante pulverizada: comprou casa ou carro, reformou o apartamento, viajou, focou nos estudos, pagou dívidas, entre outros.

No entanto, o estudo mostrou que os brasileiros consideram investimento um conceito bem mais amplo, indo além dos produtos financeiros. Quando perguntamos às pessoas se elas investiram em 2017, 25% disseram que sim, sendo que apenas 9% fizeram aplicações financeiras, como falamos no começo do texto. Os outros 16% colocaram seu dinheiro na compra ou na quitação de imóveis, em bens duráveis como carro ou moto, no negócio próprio e em estudos. Ou seja: quando gastam com a quitação de parcelas da casa ou com um curso, entendem que estão investindo.

"Essas outras formas de investir são legítimas e devem ser acolhidas pelo mercado. No entanto, é preciso sensibilizar as pessoas de que, para manter todas essas conquistas tidas como investimentos, é necessária uma reserva financeira. Apenas ela preservará todo patrimônio na hora da diminuição de renda da população como a perda de um trabalho ou a chegada da aposentadoria", diz Ana.



Foto: Mario Bock

ANA LEONI
SUPERINTENDENTE DE EDUCAÇÃO
E INFORMAÇÕES TÉCNICAS



SEGURANÇA É A PRINCIPAL RAZÃO PARA INVESTIR

Entre os investidores que aplicam em produtos financeiros, a maioria (54%) investe com uma finalidade: segurança financeira. Eles enxergam o banco como um cofrinho, no qual podem ir juntando aos poucos até garantirem uma reserva financeira em um lugar seguro. Pessoas de todas as faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade elegeram a segurança como a primeira vantagem ao investir. A rentabilidade que as aplicações podem trazer só aparece em segundo lugar com 16%.

Em terceiro lugar, os brasileiros apontam, com 12%, a vantagem de sacarem seus recursos quando precisarem, sem prejuízo. Para Aquiles Mosca, presidente do nosso Comitê de Educação de Investidores, essa percepção reforça a preferência das pessoas por produtos que não possuam carência ou qualquer restrição para resgate. Nesse aspecto, a caderneta de poupança aparece com destaque na mentalidade da população. **"O brasileiro ainda carrega uma forte memória inflacionária e também de rupturas no sistema econômico."** Assim, explica-se essa percepção de necessidade de alta liquidez sempre, mesmo quando tem um horizonte de prazo longo. E o pior: mesmo após anos e anos de estabilidade econômica", afirma.

"Ao mesmo tempo em que os resultados mostram a credibilidade das instituições financeiras, fica evidente a falta de conhecimento das pessoas sobre a possibilidade de ter o dinheiro trabalhando para si mesmas, garantindo poder de compra, gerando ganhos e contribuindo para a construção de sua liberdade financeira"

”

AQUILES MOSCA

**PRESIDENTE DO COMITÊ DE EDUCAÇÃO
DE INVESTIDORES**



Foto: Mario Bock

Principal vantagem de aplicar em produtos financeiros

Segurança financeira, possibilidade de conseguir juntar uma reserva financeira

54%

O retorno financeiro que posso obter com a aplicação do meu dinheiro

16%

Poder retirar o dinheiro sem prejuízo em caso de necessidade

12%

Guardar/ dinheiro ficar guardado/ em poupança

3%

Economia/ não gastar com coisas desnecessárias

1%

Aplicar/ comprar/ investir em bens (imóvel/ carro/ terreno)

1%

Não sabe

4%

Nenhuma vantagem

5%

Base: investidores (1.411 entrevistas). Mencionaram, em média, uma vantagem



POUPANÇA É O INVESTIMENTO MAIS ESCOLHIDO PELOS BRASILEIROS

O gosto do brasileiro por liquidez diária se mostra na preferência pela caderneta para 89% dos investidores. Ela é a preferida em todas as rendas, mas é ainda maior entre as pessoas com ganhos mensais superiores a dez salários mínimos (44%).

"Apesar do brasileiro ter diversas opções de renda fixa à disposição, ele prefere manter o dinheiro na poupança por ser um investimento conhecido e tradicional. Mas, muitas vezes, esquece de considerar que é preciso esperar a data de aniversário para ter remuneração no período, acaba sacando antes e perdendo todo rendimento", opina Ana.

O segundo investimento mais utilizado aparece com larga

distância da caderneta: apenas 6% têm previdência privada.

No terceiro lugar, estão os fundos de investimento e os títulos privados com 5% e 4%, respectivamente. Os títulos públicos, aplicados por meio do Tesouro Nacional, são preferência de apenas 3% da população.

Para Ana, as iniciativas de educação financeira são essenciais para disseminar conteúdo sobre os diversos produtos do mercado e também sobre planejamento financeiro. **"As pessoas não investem porque não conseguem guardar dinheiro. Muitas vezes está muito mais ligado a falta de planejamento. É preciso ajudar de forma incansável a mudar essa mentalidade".**

2018: EXPECTATIVA DE 6,2 MILHÕES DE NOVOS INVESTIDORES

E o que pensam os 58% da população que não tem dinheiro em aplicações financeiras? Dentro desse universo, 22% têm a intenção de investir em produtos financeiros. Caso essa estimativa se concretize, significará a entrada de 6,2 milhões de pessoas na indústria de investimentos.

"Se essa intenção se concretizar, a oportunidade para o mercado é enorme! Como a pesquisa será anual, mesmo que a totalidade das pessoas que se mostraram propensas a investir não o faça, será possível nos aprofundar nas razões para esse cenário", fala Ana.

O levantamento quantitativo, feito com apoio do instituto Datafolha, entrevistou 3.374 pessoas em todo o Brasil, em 152 municípios. O público-alvo foram pessoas com 16 anos ou mais, das classes A, B e C, economicamente ativas, que vivem de renda ou aposentadas.

Aposentadoria

Investigamos como os brasileiros estão se preparando para a aposentadoria. Os resultados mostram que o planejamento financeiro não é realidade para a maioria da população. Ainda que 66% das pessoas se preocupem em como se sustentarão nessa fase da vida, quase metade (47%) espera contar com os recursos da previdência social. Na outra ponta, 12% das pessoas declararam não ter a menor ideia de onde virá o sustento na aposentadoria.



De onde virão os recursos para a aposentadoria?



Também ouvimos aqueles que já se aposentaram: 89% têm a previdência social como única fonte de renda; 6% são sustentadas pela previdência privada; 1% pelo dinheiro aplicado em produtos financeiros; e 2% pela renda dos aluguéis que recebem. Outra parcela continua fazendo bicos (2%) ou dependendo da família (2%).



CAFEZINHO NO BANCO É O PREFERIDO NA HORA DE SABER MAIS SOBRE INVESTIMENTOS

Mesmo com o boom de meios de comunicação, como canais no YouTube e podcasts, **a forma preferida para 41% dos brasileiros na hora de se informar sobre investimento é ao vivo com o gerente do banco.** As pessoas mais velhas privilegiam esse contato: 42% dos que preferem um cafezinho no banco têm entre 45 e 59 anos e 47% são sexagenários.

A indicação de amigos e parentes também é relevante para 33% das pessoas, especialmente as mais jovens. Em terceiro lugar, estão os sites de notícias com 29% e preferência entre quem tem de 25 a 34 anos. Outros meios aparecem de forma mais pulverizada.



Como os brasileiros se informam sobre investimentos?



Conhecimento sobre produtos

Mais da metade da população não sabe apontar os produtos de investimento disponíveis no mercado. Quando não apresentamos alternativas, 45% das pessoas disseram conhecer um ou mais tipos de aplicações. A poupança lidera a lista, com 32% das citações. Na sequência, aparecem as ações com 11%; os fundos de investimento com 9%; os títulos públicos e privados com 8% e 7%, respectivamente; a previdência privada com 3% e as moedas digitais com 2%.

Em uma segunda fase da entrevista, quando a pergunta vinha acompanhada de opções de respostas, o cenário mudou: 96% mencionaram pelo menos uma aplicação (em média, cada pessoa citou de quatro a cinco produtos). A poupança se manteve no topo da lista, conhecida por 92% da população. Na sequência, apareceram ações (77%), previdência privada (71%), fundos de investimento (58%), títulos públicos (43%), moedas digitais (43%), títulos privados (36%), entre outros.

Ainda que a poupança seja o produto mais conhecido e mais utilizado pelos brasileiros (37% tem caderneta), 76% dos entrevistados não souberam responder corretamente o retorno que essa aplicação gerou ao investidor em 2017: 69% preferiram nem arriscar uma das alternativas que apresentamos.

SAIBA MAIS >>

Reunimos em uma página todas as informações sobre a pesquisa com um relatório completo e os dados consolidados. Confira: <https://bit.ly/2wfvPLm>

REGULAÇÃO SIMPLES E EFICIENTE PARA OFERTAS PÚBLICAS É PRIORIDADE DO COMITÊ DE FINANÇAS

Sergio Goldstein, presidente do fórum, detalha as ações para o segundo semestre

GGarantir que o processo de ofertas públicas brasileiro seja mais ágil, eficiente e cada vez menos burocrático é uma das prioridades do Comitê de Finanças Corporativas para este ano. O grupo está analisando as regulações da CVM e buscando formas de otimizar as emissões. "Cada vez mais desenvolvemos uma boa interação com a CVM e com os demais reguladores que conversamos. Conseguimos construir uma discussão de alto nível, em que expomos nossos pontos e ouvimos o regulador, e extremamente benéfica para o mercado", explica Sergio Goldstein, presidente do fórum.

Paralelamente, o grupo tem dado suporte em duas iniciativas institucionais. Uma delas é aumentar a participação do mercado de capitais no financiamento de longo prazo. Outra é um estudo, em parceria com a B3, para apresentar os benefícios de um mercado de capitais desenvolvido para a sociedade. Além disso, o comitê lidera a construção de um sistema de consulta de debêntures, incluindo a documentação atualizada das emissões e a sua precificação para otimizar e facilitar as negociações no mercado secundário. Saiba mais na entrevista de Goldstein ao Informativo ANBIMA:

QUAIS AS INICIATIVAS EM RELAÇÃO ÀS OFERTAS PÚBLICAS?

Trabalhamos para otimizar essas ofertas, tornando as emissões mais ágeis, eficientes e cada vez menos burocráticas, garantindo a divulgação de todas as informações necessárias à solidez do processo. A pedido da CVM, criamos um grupo de trabalho para avaliar todas as normas atuais, incluindo as principais instruções (400 e 476). Também buscamos entender de que forma são feitas as emissões lá fora, especialmente nos Estados Unidos, em Hong Kong e na União Europeia. O estudo está na reta final e reunirá informações e conceitos para discutirmos com a CVM até outubro.

2018 É O ANO DO MERCADO DE CAPITALIS NA ANBIMA. NO CAMPO DE INFORMAÇÕES, QUAIS INICIATIVAS ESTÃO SENDO TOCADAS?

Temos feito um esforço grande para disponibilizar mais dados sobre debêntures, o que traz transparência, auxilia na precificação e facilita os negócios. Estamos construindo um sistema informatizado para reunir todos os documentos de emissões desses papéis, como prospecto da oferta, edital de convocação, entre outros. O intuito é oferecer um repositório com dados confiáveis e atualizados para compradores e vendedores, o que ainda não existe no mercado. O sistema será disponibilizado este ano e está sendo estruturado com base em conversas feitas com potenciais compradores e vendedores, casas que negociam esses papéis, emissores e intermediários. Em 2019, a base de dados será alimentada com informações que poderão ser inseridas pelas próprias instituições. Nosso intuito é que ela seja aberta a todo mercado. Acreditamos que o sistema terá um grande potencial para gerar publicações variadas, além de fornecer insumos para entendermos melhor o segmento de dívida – o que cada setor emite, quanto, como, tipos de proteção, diferenças entre as emissões. A expectativa é que a base de dados dê



Foto: Danilo Quadros

início a um novo capítulo para a negociação de debêntures. Ela faz parte de uma iniciativa mais ampla da Associação que norteia as atividades de outros fóruns: estimular o mercado secundário de títulos privados.

COMO ESTÃO AS INTERAÇÕES COM O GOVERNO PRA AUMENTAR A PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DE CAPITALIS NO FINANCIAMENTO DE LONGO PRAZO?

Temos nos aproximado cada vez mais do BNDES. Essas discussões se iniciaram há cerca de dois anos e avançamos muito desde então. Houve uma série de emissões em que tanto o banco de fomento como o mercado participaram, conseguimos definir melhor os quóruns mínimos, compartilhamento de garantias, entre outros. Temos passos para serem dados, mas estamos num bom caminho.

QUAIS OUTRAS INICIATIVAS ESTÃO NA AGENDA DO COMITÊ?

Acompanhamos o desenvolvimento de um estudo da Associação, em parceria com a B3, sobre os benefícios que o desenvolvimento e o fortalecimento do mercado de capitais desenvolvido podem trazer ao país. Ele será apresentado em setembro.

Também estamos revisando o Código de Ofertas para fortalecer a autorregulação. As mudanças incluem acrescentar, no código, as debêntures 476, de esforços restritos; atualizar as regras para os agentes fiduciários, para alinhá-las à Instrução CVM 583 sobre o tema; ampliar as atividades dos agentes para ofertas 476 e ofertas de outros valores mobiliários além de debêntures, como CRIs (Certificados de Recebíveis Imobiliários), CRAs (Certificados de Recebíveis do Agronegócio) e notas promissórias. Também foi incluída a atividade de agente de notas para as notas promissórias de curto prazo e atualizadas as normas de securitização, acrescentando os CRAs. O trabalho está em fase de finalização para seguir com as aprovações do comitê e da Diretoria.



Diretor de ligação:
José Eduardo Laloni
Presidente:
Sérgio Goldstein

Vice-presidente:
Mauro Tukiayama
Mais informações:
<https://bit.ly/2MtyQT8>

MAIS DE 30 PALESTRANTES NACIONAIS E INTERNACIONAIS PARTICIPARÃO DO CONGRESSO BRASILEIRO DE MERCADO DE CAPITAIS

Evento organizado em parceria com a B3 discutirá os assuntos mais urgentes do segmento

Nos dias 3 e 4 de setembro, a união de forças ANBIMA e B3 resultará no Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais. Com 13 horas de programação e mais de 30 nomes de peso confirmados, o maior evento do setor buscará explicitar o papel estratégico do mercado de capitais para o desenvolvimento do país.

No evento, as duas entidades entregarão, aos presidentes, um estudo socioeconômico elaborado ao longo de 2018 sobre os benefícios que um mercado de capitais desenvolvido pode

trazer à sociedade em aspectos como PIB, geração de empregos, desenvolvimento em infraestrutura, entre outros.

Com público estimado de 700 pessoas em cada dia, o encontro está com as inscrições encerradas e reunirá representantes das principais instituições do mercado financeiro. O palco dos debates será o Memorial da América Latina, em São Paulo. Saiba mais sobre a programação:

FOCO NO MERCADO DE CAPITAIS

Grandes mesas do congresso tratarão de temas urgentes para o setor, como qual caminho para consolidar o mercado de capitais como o principal instrumento do financiamento de longo prazo, quais facilidades e dificuldades as empresas que se financiaram pelo mercado de capitais encontraram e de que forma alcançar o crescimento sustentável.



Fotos: Divulgação

DYOGO OLIVEIRA,
PRESIDENTE DO BNDES

Agenda: cada vez mais cresce a importância do mercado de capitais para o financiamento de longo prazo. Representantes de grandes instituições financeiras apontam os caminhos para consolidar essa tendência: Christian Egan (Itaú BBA), Daniel Lemos (XP Investimentos), Renato Ejnisman (Bradesco BBI), Roberto Campos (Santander) e José Eduardo Laloni (ANBIMA).

3/9
15h

Financiamento de longo prazo: o intuito do debate é apontar alternativas para viabilizar esse financiamento. Estarão presentes Dyogo Oliveira (presidente do BNDES), José Guilherme Cruz Souza (Vinci Partners), Miguel Setas (EDP Brasil), Sandro Johles Marcondes (Santander) e Cristiano Cury (BTG Pactual).

3/9
17h

Visão dos CEOs: Eugênio Mattar (Localiza), João Vitor Menin (Banco Inter) e Piero Minardi (Warbug Pincus) contam o caminho que suas empresas percorreram para acessar o mercado de capitais, comentando facilidades e desafios do uso dos produtos do mercado para financiar o crescimento, diminuir o endividamento ou fazer fusões e aquisições. Com a moderação de Ana Carla Abrão (Oliver Wyman).

4/9
16h

Negócios sustentáveis: as mudanças climáticas impactam a matriz de risco das empresas e dos investidores. Como atuar nesse novo cenário e a importância de aprimorar a divulgação de informações sobre os riscos financeiros serão discutidos por Curtis Ravenel (Força-Tarefa de Divulgações Financeiras Relacionadas com o Clima), Luis Eduardo Osorio (Vale), Carlos André (ANBIMA) e Denise Pavarina (Bradesco).

4/9
13h

ENTENDENDO O BRASIL

Para desenvolver o mercado de capitais, antes de tudo é preciso entender os cenários político, econômico e estrutural do Brasil. Três bate-papos sobre diferentes aspectos abordarão essas questões.

PEDRO BIAL,
JORNALISTA



Talk show: como o Brasil chegou até aqui? Qual o peso das instituições no desenvolvimento do país? Como vencer as dificuldades e empreender nesse cenário? As respostas para essas perguntas serão dadas por Lilia Schwarcz, historiadora e antropóloga; Sorocaba, cantor e empresário; e por um terceiro convidado. Os três trarão uma visão crítica para o país em um talk show comandado por Pedro Bial.

3/9
18h15

Corrida presidencial: o que esperar do futuro governo? Os economistas responsáveis pelos planos de governo dos principais candidatos à presidência da República debaterão suas propostas para o país e o impacto delas para o crescimento da economia nacional.

4/9
18h

Caminho para o futuro: a recente crise político-institucional influencia os caminhos do Brasil, mas não é a única que se deve considerar na hora de traçar uma visão de longo prazo para o nosso país – é preciso levar em conta os indicadores estruturais da sociedade e da economia brasileira. O debate será com James Robinson (professor de Harvard e autor do livro "Por que as nações fracassam") e com Pedro Malan (ex-ministro da Fazenda).

4/9
14h



JAMES ROBINSON,
PROFESSOR DE HARVARD



RONALDO LEMOS,
ADVOGADO

QUINZE MINUTOS, TRÊS PROVOCAÇÕES

Fake news, economia espacial e o peso das instituições no desenvolvimento econômico de longo prazo. Três talks marcarão o evento: são palestras rápidas sobre temas relevantes que nem sempre estão no radar das instituições financeiras, mas têm impacto nos negócios.

Economia espacial: como a ocupação do espaço por grandes empreendedores modifica as dinâmicas da economia e da sociedade? A resposta está com o expert em economia espacial Sidney Nakahodo. Ele é professor da Universidade de Columbia e CEO da New York Space Alliance.

3/9
16h15

Desenvolvimento de longo prazo: as instituições econômicas e políticas têm um peso considerável no crescimento econômico de um país. Claudio Ferraz, economista e professor da PUC Rio, trará um panorama da situação atual do Brasil e promoverá uma reflexão sobre o que é necessário para mudar esse cenário.

4/9
15h15

Fake news: o impacto das fake news vai muito além das redes sociais – o compartilhamento das notícias falsas atinge as esferas pública e privada e traz consequências para as empresas. O tema será apresentado por Ronaldo Lemos, advogado e expert em mídia, propriedade intelectual e tecnologia.

4/9
17h15

CONGRESSO
BRASILEIRO DE
**MERCADO
DE CAPITAIS**
2018

Quando: 3 e 4 de setembro de 2018
Onde: Memorial da América Latina
(Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664. Barra Funda, São Paulo, SP)
Mais informações: www.congressomercadodecapitais.com.br

14º Prêmio ANBIMA

de Mercado de Capitais 2018

Inscriva seu projeto de dissertação ou tese dos cursos de Economia, Administração e Direito

Os melhores
receberão:

R\$ **34 mil**
(doutorado)

R\$ **17 mil**
(mestrado)

inscrições até
31
de outubro

Mais informações:
www.anbima.com.br/premio

Iniciativa em parceria com o IEPE/Casa das Garças



Publicação mensal com as principais notícias institucionais da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais

www.anbima.com.br

Redação: Flávia Nosralla, Giovanna Bambicini e Paula Diniz
Edição: Maríneide Marques
Projeto gráfico: Atelier Carta Comunicação e Projetos Especiais

Rio de Janeiro: Av. República do Chile, 230 – 13º andar – CEP 20031-170 – Tel: + 21 3814 3800
São Paulo: Av. das Nações Unidas, 8501 – 21º andar – CEP 05425-070 – Tel: + 11 3471 4200

Presidente: Carlos Ambrósio

Vice-Presidentes: Carlos André, Flavio Souza, Luiz Sorge, Miguel Ferreira, Pedro Lorenzini, Ricardo Almeida e Sérgio Cutolo

Diretores: Adriano Koelle, Alenir Romanello, Fernando Rabello, Jan Karsten, José Eduardo Laloni, Julio Capua, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Lywal Salles, Pedro Juliano, Pedro Rudge, Reinado Lacerda, Saša Markus e Teodoro Lima

Conselho de Ética: Valdecyr Gomes (presidente) e Luiz Maia (vice-presidente)

Comitê Executivo: José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Francisco Vidinha, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Eliana Marino, Lina Yajima, Marcelo Billi, Soraya Alves e Thiago Baptista